

O “*Estanhado*” e o “*Vim-vim*”: estreito contato entre a Literatura e Imprensa Escrita na Primeira República.

Jayra Barros Medeiros¹

Estudar as condições históricas de um dado período e espaço requer escolhas que na maioria das vezes estão relacionadas às subjetividades de cada pesquisador. A História é produzida no presente e carrega as vivências do pesquisador que, desejando ou não a neutralidade, traz o passado para o seu o tempo com intuito de entender uma sociedade composta por individualidades, subjetividades e memórias.

É, portanto, carregados de vivências e sentimentos na e pela cidade de União que nos envolvemos com os estudos sobre a cidade de União (PI) na Primeira República. A partir dessas análises passamos a compreender que “a cidade em que nascemos está em nossa memória, como em nossa memória estão todas as cidades a que nos afeiçãoamos por havermos nelas residido por muito tempo e estarmos com elas sentimentalmente identificados” (NUNES, 2012, p. 20). Mas isso não nos impossibilitou de pesquisar e utilizar as metodologias que a historiografia nos apresenta. Ao contrário, esse enlace entre nossa aproximação pessoal com os estudos em questão e a metodologia da história nos permitiu passear pelos labirintos de uma pequena cidade do nordeste brasileiro e encontrar indícios da Primeira República através das memórias expostas em poemas publicados em jornais unionenses do período em questão.

O amálgama entre documentos oficiais e os sentimentos encontrados nos escritos dos que vivenciaram o período em questão nos permitiu adentrar os passados da cidade de União e constatar que “apesar dos sentimentos serem pessoais, íntimos, eles revigoram o enredo tratado, dando-lhe outras configurações além das anteriores estabelecidas” (GIMENES, 2000, p.137). Nesse sentido, textos, críticas, leitores, polêmicas e estilos participam de forma importantíssima na constituição dos processos históricos e sociais, das experiências culturais e do seu cotidiano.

As vivências são, acima de tudo, plurais. Muitas são as linguagens e as realidades da cidade de União (PI), nas quais tentamos mergulhar através das sensibilidades de alguns unionenses do final do século XIX e início do século XX que deixaram rastros de seus

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí; Especialista em História Cultural pela Universidade Federal do Piauí; Mestranda em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí.

cotidianos. Não temos com isso a intenção de homogeneizar comportamentos no período e no espaço em questão, e sim, atentar para as várias formas de ser e estar em União na Primeira República, assim como, conhecer uma parte dos (re)sentimentos da cidade pesquisada no intuito de descortinar um passado que não se esgota e que está aberto às múltiplas visões que podem ser lançadas sobre ele.

Para tanto, utilizamos a literatura não como uma operação puramente intelectual, mas como um gesto que visa atingir a “partilha do sensível” (GIMENES, 2000, p. 137), constituindo-se como um ato social no qual, “procura-se fixar, coletivamente, estados de comportamento, de emotividade, de sensações, de raciocínio, de ordenamento da realidade” (GIMENES, 2000, p. 137). Ao partilhar sentimentos, emoções, vivências com seus leitores, os literatos acabam fomentando maneiras de ser, fazer e dizer em uma dada sociedade. Em União, esse movimento foi percebido com o poema, a seguir, intitulado de “Dedicatória”.

Unionenses: aqui vos ofereço
Essa brochura simples e modesta.
Para outros, bem sei, não terá preço;
Mas, para vos será mimo de festa (ELIZIÁRIO, 1916. p. 1)

O poeta, João Eliziário, ao oferecer seus escritos aos unionenses, procura fixar coletivamente seus pensamentos sobre a cidade e seus administradores. A revista “União por dentro” foi editada no ano de 1917. Nela o referido autor partilha os seus sentimentos com a sociedade unionense e oferece a sua produção com os versos a seguir,

Aceitai, pois, amados conterrâneos,
Meu franco parecer
Em o qual todos vos poderes ver
Conselhos espontâneos (1916. p. 1)

As poesias falavam “das coisas e costumes de União” (ELIZIÁRIO, 1916. p. 1) nos permitindo abordar as experiências de um grupo social ou de intelectuais e administradores locais que possuíam desejos por uma nova sociedade com “novos rumos” (ESTANHADO, 1916), pautadas em idéias que atravessavam o país e o mundo.

Cai gente em toda a parte:

No Egito, na China e no Japão
[...]
Na Europa vários reis
[...]
Mesmo aqui o novo mundo é enorme a relação
No Piauí já disseste
Com muita convicção:
Muita gente tem caído
De Corrente a Amarração
De Oeiras a Porto Alegre,
De Urussuí a São João
De Gilbues a Parnaíba
De Teresina a Marvão
Tudo isso faz chegar
A seguinte conclusão:
Os chefes de nossa aldeia
Muito em breve cairão (ESTANHADO, 1916)

Para os editores do referido jornal a nova sociedade chegaria com uma “administração criteriosa e progressista”. Na qual, não “tomasse assento os parentes e protegidos”. Para o Jornal “Estanhado”, essa sociedade chegaria com a queda da “família Rego” que governou a Intendência de União por anos seguidos. Em nossas análises o jornal representava efetivamente uma oposição ao governo local. De modo que, o seu proprietário Agnelo Sampaio concorre a Intendente Municipal, no ano de 1917, enfrentando o Cel. Augusto Daniel que era apoiado pelo então intendente Benedito do Rego Filho. Essa disputa pela administração nos mostra o caráter político do jornal que nesse mesmo ano tem seus candidatos derrotados. Nos anos seguintes, o referido periódico continua, até a década de 1920, desenvolvendo o papel de oposição aos governos unionenses no período em questão.

Juntamente com essa disputa política os textos publicados no referido período, podem ser vistos como um desejo de mudança que associamos as idéias progressistas e de civilização² por que passava o país e o mundo. O jornal apresentava-se disposto “a lutar pelo engrandecimento de sua terra. Virá ele assim marcar uma nova fase presumivelmente de

² Levando em consideração que nos anos da Primeira República a sociedade brasileira possuía um interesse vívido por idéias de civilização, estivessem essas associadas à moralidade, a elementos reformistas e progressistas, ou a processos de refinamento dos comportamentos, de uma forma ou de outra, todas elas estavam afinadas com o universo simbólico do mundo ocidental desde o século XVIII. É, portanto, nessa perspectiva que invocamos o conceito de civilização em sua variação contextual, ou seja, de acordo com o tempo e o espaço em que se encontra inserido e em estreita relação com o conjunto específico de situações históricas donde foram formuladas. (ELIAS, 1994)

prosperidade e bonança [...] novos elementos que lhe agitem as fibras, uma nova direção que possa libertá-lo da inércia [...]” (ESTANHADO, 1916). Essa nova direção na cidade de União seria liderada por um grupo de pessoas da capital do Estado que preocupadas em restabelecer os ideais republicanos nos municípios piauienses ecoa um “brado de alerta” (ESTANHADO, 1916). O jornal deixa clara a interferência dos políticos de Teresina, na política partidária unionense, quando menciona que a iniciativa da indicação do Cel. Luiz Fortes para intendente de União partiu de um grupo unionense residente em Teresina.

Desta forma, a proximidade da cidade estudada com a Capital do Piauí, não se resumiu aos 56 km que separavam os territórios em questão, as idéias de progresso e civilização e o jornal “Estanhado” também circulavam pelas cidades de União e Teresina em um período que a imprensa escrita difundia-se pelo território brasileiro disseminando novas técnicas de impressão, reprodução e uma diversificação de vários focos de noticiais que culminavam em uma imprensa que buscava o progresso e “moderniza-se na forma e no conteúdo” (MARTINS; LUCA, 2011. p. 83).

As modernizações circulavam pelos espaços da escrita e transformavam informações em recursos jornalísticos com o objetivo de construir “um horizonte técnico” (SUSSEKIND, 1987. p. 24) que se “fazem acompanhar de mudanças na visão de mundo [...]” (SUSSEKIND, 1987. p. 26). Torna-se necessário convencer o público com repetições e impressioná-lo através de informações. Ao tempo em que, a literatura aproximou-se da imprensa escrita e nos possibilitou analisar uma sociedade cujas “inovações e transformações afetam tanto a consciência de autores e leitores quanto às formas e representações literárias propriamente ditas” (SUSSEKIND, 1987. p. 26). Os artefatos da modernidade começavam a ser construídos pelos detentores do conhecimento, que viviam a euforia e os anseios dessa nova época. Desta forma, as produções literárias podem ser vistas como uma marca dos tempos novos.

Essas produções espalhavam-se pelos cantos do Brasil, pautadas em idéias de civilização e progresso. No Piauí, estas questões tornam-se atenuantes nos anos de 1880 quando “os folhetins, invadem definitivamente, os jornais maiores, como A época e A Imprensa, registrando a marca da poesia e da literatura no jornalismo piauiense, fato que, a exemplo da imprensa nacional, é comum até meados do século XX.” (REGO, 2001. p. 78). Além disso, os jornais também publicavam anúncios publicitários e algumas colunas de notícias. Com essas características a imprensa piauiense vai ganhando forma na Primeira República.

Em relação ao jornal “Estanhado” fundado em 15 de setembro de 1916 em União, de edição semanal, o contato com a literatura fica nítido com a publicação das poesias no ano de 1916, ‘União por dentro’, ‘O Porto’, ‘O Matadouro Público’, ‘Os Pasquins’, ‘A Ponte do Raiz’, ‘O Chefe Local’, ‘O Racha’ e ‘Um caso triste’ de João Eliziário. Cada poesia foi publicada em uma edição diferente do jornal. Esses títulos apontam para um caráter político partidário já mencionado do referido período. Ao entrarmos em contato com as poesias visualizamos os ideais progressistas e modernistas da sociedade em questão, demonstrando como as transformações nos transportes e na comunicação afetavam a vontade dos unionenses de participarem do cenário urbano que fazia parte das principais cidades brasileiras.

No ano de 1917 as poesias publicadas foram ‘A Oligarquia Local’, ‘O Morticínio de 1892 a 1914’, ‘A Polícia’, ‘A Capelinha’, ‘O Fisco’, ‘A Matriz’, ‘A Cidade’ e ‘O Estanhado’ de Elisiário. E ainda, ‘Deputado Imbecil’, ‘Dep. Mudo’, ‘Dep. Banana’, ‘Dep. Criminoso’, ‘Dep. Reles’, ‘Dep. Moribundo’ e ‘Dep. Epiceno’, de autoria do Dr. Chaleira. Os títulos das referidas poesias mostram a característica de sátira e o teor político das publicações do referido jornal.

Os pseudônimos de João Elisiário e Dr. Chaleira eram de Fenelon Castelo Branco que dentre outras funções que exerceu na sociedade piauiense estava a de secretário de polícia no governo Miguel Rosa no período de 1912-1916, ajudou a fundar Academia Piauiense de Letras do Piauí no ano de 1917, atuando como seu Primeiro Secretário, na cidade de União exerceu o cargo de Juiz de direito e veio a falecer no ano de 1926. Essa breve biografia nos leva a concluir que o autor em questão tinha uma estreita relação com o cenário político e das letras no Piauí, mostrando como a política unionense possuía uma estreita relação com a política partidária do Piauí e de sua capital.

Na revista “União por dentro”, por exemplo, o referido autor se ressentia da falta de prédios, saneamento básico, cadeia e iluminação pública da cidade, contribuindo para o entendimento do papel dos homens de letras que elaboraram modelos de como deveria ser uma cidade moderna. Neste sentido, a ruptura em relação ao passado e a chegada dos novos ideais modernos são uma constante nos escritos mencionados que apontam para as contradições existentes no âmbito da modernidade unionense.

As poesias publicadas no jornal “Estanhado” com o pseudônimo de João Elisiário mais tarde, são reeditadas em forma de revista intitulada de “União por Dentro” no ano de 1917. A literatura e a imprensa escrita piauiense possuíam uma estreita relação, os escritores

que participavam dessa interação entre os jornais e a literatura eram de uma camada social privilegiada na qual a “educação, ao tempo em que os define como elite, coloca-lhes atribuições sociais específicas e mesmo em posição de total desconforto em relação ao mundo que os cerca” (QUEIROZ, 1998. p. 71).

Esses profissionais em sua maior parte eram bacharéis em direito, médicos, engenheiros, professores que ao participarem do universo das letras teriam que conviver com “um mundo de analfabetos” (QUEIROZ, 1998. p. 71) do Piauí e do Brasil. Na medida em que, “A instrução pública no Piauí, como na quase totalidade dos estados brasileiros, ressentia-se de faltas sensíveis, que requerem com urgência de corretivo [...] Atualmente a deficiente instrução que existe no interior do estado não merece o nome de instrução [...]” (BAPTISTA, 1920. p. 84)

Nessa conjuntura, os homens de letras serviam como “verdadeiros apóstolos do bem” que se dedicavam ao grande problema da instrução. Em União na década de 1920 o ensino estava, assim, organizado

Há na cidade duas escolas públicas estaduais, uma para cada sexo [...] Além dessas duas escolas estaduais, há outras duas escolas primárias particulares, subvencionadas pelos cofres do município; o ‘*Ateneu Unionense*’ estabelecimento de ensino primário e secundário, sob a direção do professor Benévolo Trindade e mais outro colégio, dirigido pelo tenente Marques, todos com um regular número de alunos. (TERESINA, 1923. p. 272)

Essas escolas faziam parte do centro urbano unionense, enquanto que os povoados que faziam parte do município não contavam com nenhuma instrução pública ou privada, um cenário que não se desvinculava das demais cidades brasileiras em que, o preparo intelectual foi deixado em segundo plano.

Mesmo contanto com a maioria da população fora da escola e sem acesso a literatura, o Piauí remodela o seu cenário no período republicano, no que diz respeito, a produção literária e noticiosa. O autor das poesias mencionadas, por exemplo, ajudou a fundar no ano de 1917, mesmo ano de publicação das poesias sobre a cidade de União, a Academia Piauiense de Letras do Estado do Piauí e desempenhou no início do século XX, o cargo de Primeiro Secretário da referida instituição. Esse envolvimento do referido autor com a cena literária do Piauí, nos permite encaixar as poesias da revista estudada com o cenário piauiense que envolvia não só a imprensa escrita mais uma camada social que desejava melhorias nas cidades do Piauí, a civilização, o progresso que constituía um novo comportamento urbano,

ou seja, um desejo de construir casas, ruas, prédios públicos, iluminar a noite, urbanizar e impedir a sujeira nas ruas, higienizar cemitérios.

Fenelon Castelo Branco como homem de letra e juiz de direito formado pela Faculdade de Recife (QUEIROZ, 1998) nos permite com os poemas da revista “União por dentro”, desvendar o universo da cidade de União através de sua produção literária na Primeira República e entender como essas questões foram afetadas pelo horizonte técnico do período em questão. As novas conquistas tecnológicas como, os navios a vapor, os telégrafos e as tentativas industriais afetam a forma literária que acaba absorvendo a representação de artefatos industriais. Esse movimento pode ser percebido no título da revista, “União por dentro”, no qual percebemos uma necessidade de inserir a referida cidade nas questões de modernização que adentravam o cenário brasileiro, que associadas à trajetória de vida profissional do referido autor são importantes para uma melhor compreensão das configurações históricas do período estudado.

A cidade de União tentava acompanhar o ritmo da modernização que assolava o período e acabava esbarrando em uma economia baseada na agricultura que pouco exportava para outras regiões se comparada aos principais centros urbanos do período. As indústrias, na Primeira República unionense, não passavam de tentativas frustradas em um território que era basicamente rural. No entanto, sua literatura mostra-se apoiada em concepções de vida urbana baseadas em desejos como praças, prédios e iluminação pública evidenciados a cada poesia, anseios, que obviamente são associados “a idéia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também se constelaram poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barrulho, mundanidade e ambição” (WILLIAMS, 2011. p. 11)

Essas ambições podem ser sentidas na revista estudada e aproximam a literatura unionense dos anseios urbanos em uma cidade que possuía traços rurais significativos. A poesia, a seguir, demonstra essa relação entre literatura e as concepções de cidade do período.

O MERCADO PÚBLICO

Felizardo que fui! Ha nove anos
Installado com pampas triumphaes,
Saudado por discursos magistraes,
Visitado por *gregos e troyannos!*

Venho aos poucos, porém, soffrendo danos,
Recebendo de todos os quintaes

O lixo, o excremento e coisas taes
Que se escoam dos regos pelos canos!
Desgraçado que sou! Que mágoa acerba,
Que nojo devo ter da troupe ociosa,
Quando subtil desvia a grande verba,

Que a lei orçamentária annualmente,
Aos meus reparos crêa cautelosa!
Que fará dessa verba o intendente?!

O mercado público, no período estudado, em União representava o barulho, a mundadidade, o trabalho, a ambição, ou seja, a cidade. Os lamentos do autor referiam-se ao centro de trocas comerciais onde as sociabilidades de compras e vendas aconteciam. Não a toa a sua inauguração ocorreu com cerimônias pomposas. A preocupação com a higiene do mercado unionense não se resumiam em sátiras políticas que atacavam a administração local no período. Além disso, ela nos mostra um novo espírito que toma conta das cidades no final do século XIX e início do século XX, no qual, “a cidade torna-se um lugar para ver e ser visto” (Mozart, p. 175) que acelera um movimento civilizador pautado no embelezamento das praças e na limpeza das ruas. Como demonstra a poesia a seguir,

A LIMPEZA PÚBLICA

Aqui há muito lixo, ali também...!
Podridões nesta rua, noutra um charco,
Nos pântanos mephiticos me encharco,
Que aqui os encontro, ali...além...!

Dir-se-á que o recurso é muito parco,r
E por isso a communa houve por bem
Não gastar na limpeza um só vintém!
Mas eu *nessa canoa não embarco*

Limpeza da cidade nem por fita,
D’ esse assunto a Intendência não cogita;
Para isso o dinheiro é tão poupado!

Mas o há p’ra pagar ao Intendente;
Vejam bem: p’ra pagar-lhe mensalmente
Trezentos e cinquenta de ordenado!!

A profilaxia tão desejada pelo autor aponta para um cenário político sem corrupções administrativas que possa refletir em uma cidade limpa, civilizada, polida. Nessa cidade os cemitérios e as cadeias públicas considerados como locais impuros, ou seja, causadores de

doenças deveriam ficar afastados do centro urbano e das casas da “melhor sociedade” como rezava os códigos de postura unionense do período. Além disso, “nos tempos de epidemia o procurador designará a parte do cemitério em que devem ser exumados os cadáveres de pessoas sucumbidas de qualquer moléstia” (UNIÃO/PI, 1896). Desta forma, a necessidade de higiene que ganha corpo na Primeira República brasileira é definida nas leis unionenses promulgavam a limpeza das ruas no dia último de cada mês com multas para os infratores. Assim como, a proibição de porcos e cabras no perímetro da cidade. Aos administradores dos cemitérios cabia organizar as sepulturas e jardins. No entanto, as preocupações não paravam por aí. Como nos revela a poesia a seguir,

O CEMITERIO PUBLICO

Eu sou o cemitério – o campo santo, -
E trago em meu recinto affetos raros;
Os despojos mortaes dos entes caros
Repousam por aqui

Carinhos eu mereço e, no entanto,
(É preciso dize-lo em termos claros)
Os mandões desta terra, homens avaros,
Lançaram-me do olvido o negro manto!

Campo nobres conservo no meio seio,
Mas sarça e carrapicho de permeio
O aspecto me dão de capoeira!

O muro que em redor me guarnecia
Desabou, de maneira que hoje em dia
Sou cercado de talos de palmeira!

Essa noção de civilidade é percebida no decorrer da Primeira República através da literatura brasileira que apresenta características baseadas no utilitarismo, liberalismo, positivismo e humanitarismos edificando conceitos como o de nação, bem, verdade, justiça que operavam como padrões básicos de referências além de colaborar para a composição de um acervo literário universal e que possuíam nítidas intenções sociais. O engajamento social tornou-se parte do homem de letras, no início do século XX, que ficaram conhecidos como “mosqueteiros intelectuais”. Esses estudiosos tinham como principais objetivos,

[...] a atualização da sociedade com o modo de vida promanado da Europa, a modernização das estruturas da nação, com sua devida integração na grande unidade internacional e a elevação do nível cultural e material da população (SEVCENKO, 1995, p. 79)

O ativismo social dos literatos da primeira república nos permite visualizar as configurações históricas do período em estudo e perceber que a literatura nos fornece, “uma nova forma de pensar a história [...] remetem a possibilidade de utilização de diversos conjuntos de fontes, a diferentes categorias documentais até então pouco utilizadas [...]” (QUEIROZ, 2006, p. 83)

Outro exemplo, de aproximação entre literatura e jornalismo nas primeiras décadas do século XX seriam as edições de revistas literárias como a “Litericultura” que teve a produção mensal com o seu primeiro número lançado no ano de 1912, a “Revista da Academia Piauiense de Letras” com suas edições iniciais no de 1918 e a “A semana” folha literária e noticiosa editada a partir de 1901. Esses são apenas alguns exemplos da produção jornalística do Piauí no período estudado,³ tempo em que, a imprensa piauiense aproxima-se da literatura e das idéias de civilização e progresso. A tabela, a seguir, mostra o nome e ano de publicação de alguns desses escritos.

Tabela 07: Imprensa Literária e noticiosa no Piauí na Primeira República

<i>Imprensa literária e noticiosa</i>	<i>Cidade</i>	<i>Ano de publicação</i>
---------------------------------------	---------------	--------------------------

³ Sobre as edições e publicações da imprensa piauiense no final do século XIX e início do século XX. Ver: Dicionário Piauiense. p. 283

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARAÍB

Revista Piauiense	Teresina	1896
O Livro	Teresina	1901
Andorinha	Teresina	1904
Borboleta	Teresina	1904
A Juventude	Parnaíba	1906
Almanaque da Parnaíba	Parnaíba	1923
A Pátria	Floriano	1917
O Raio	Campo Maior	1916
Cruzada	Campo Maior	1921
O Vim-vim	União	1915

Fonte: adaptada por Jayra Barros Medeiros a partir do livro, PINHEIRO, Celson Filho. *História da Imprensa no Piauí*. Teresina: Zodiaco. 1997

As publicações citadas são folhas literárias e revistas que produziam notícias e que, obviamente, aproximavam a literatura da imprensa escrita. Essa aproximação demonstra que os intelectuais constituíam-se, nesse período, em um segmento social definido, ou seja, escrever na imprensa tornou-se fonte de renda e instrumento de legitimação, distinção e poder político. Para tanto, a Academia Piauiense de Letras foi instituída no ano de 1917 promovendo um lugar social definido para esses intelectuais que se ligavam a política, a cultura e as sociabilidades do período em questão.

No jornal o “Vim-vim”, estas questões foram percebidas pela disputa política representada em seus escritos, como demonstra o trecho a seguir, “consta que um grupo de moços da nossa sociedade vai formar um jornal que terá o nome de “gavião” [...] o fim do carnívoro é devorar o pobre “vim-vim” [...] é possível que escape a sua fúria faminta, e continue alegre e saliente, a evocar e contar como até hoje”. (VIM-VIM, 1917, p. 3). No “Vim-vim” como no “Estanhado” percebemos uma referência ao novo, a uma sociedade renovada, sendo que, o primeiro enfatizava mais efetivamente a juventude que é representada por um pássaro pequeno que, no entanto, faz bastante barulho ao cantar demonstrando alegria e jovialidade, enquanto que os seus adversários eram descritos como “gaviões” cheios de poder.

Já o nome “Estanhado” foi em referência a história de União (PI) que antes de ser cidade foi uma fazenda de gado com o nome de “Estanhado”. Em ambos os jornais podemos

evidenciar as memórias e histórias da cidade de União (PI) na Primeira República através da literatura. Os sentimentos e ressentimentos dos autores do período foram contados em versos e linhas diversas demonstrando como os unionenses viviam a Primeira República e partilhavam de idéias que atravessam o mundo e chegavam a seu território permitindo a criação de suas vivências e peculiaridades, ou seja, do seu próprio movimento.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, Benjamin de Moura. *O Piauí*. Teresina: Instituto Histórico e Geográfico Piauiense, 1920

ELIAS, Nobert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994

ELIZIÁRIO, José. *Revista União por dentro*. Teresina: Typographia Paz, 1916

GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira. Oswald de Andrade: literatura como política. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000

Jornal Estanhado de 1917 a 1920

Jornal Vim-vim de 1917

SILVA, Mozart Linhares da. *Do império da lei às grades da cidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto. 2011

NUNES, M. Paulo. Cidade da memória. In: *Cadernos de Teresina: Teresina 150 anos*. Ano XIV, N 33. Fundação Cultural Monsenhor Chaves 2002

PINHEIRO, Celso Pinheiro Filho. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Zodíaco. 1997

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo* Teresina: Universidade Federal do Piauí; João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1998

REGO, Ana Regina. *Imprensa piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 2001

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras. 1987

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na História e na Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

TERESINA, *O Piauí no Centenário da Independência (1823-1923)*. Papelaria Piauiense, 1923